

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: NARRATIVAS DO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Cinara Kottwitz Manzano Brenzan

Unioeste/CCSA - Marechal Cândido Rondon
cinara.brenzan@unioeste.br - <https://orcid.org/0000-0002-1684-2320>

Grasiela Veloso dos Santos Heidmann

Escola Técnica Estadual de Sinop (Seciteci/MT)
grasielaheidmann@secitec.mt.gov.br - <https://orcid.org/0000-0002-1483-2946>

Maria Luiza Troian

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFMT)
mariatroian@secitec.mt.gov.br - <https://orcid.org/0000-0003-3966-5926>

Milton Mauad de Carvalho Câmara Filho

Escola Técnica Estadual de Sinop (Seciteci/MT)
miltonfilho@secitec.mt.gov.br - <http://lattes.cnpq.br/5915413178900191>

Thielide Verônica da Silva Pavanelli Troian

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)
thielide@unemat.br - <http://lattes.cnpq.br/5801247338328741>

Resumo: O artigo aborda a Inteligência Artificial (IA) generativa na prática docente a partir das narrativas de quatro professores da educação profissional, construídas em rodas de conversa virtuais. O objetivo foi refletir sobre os desafios, possibilidades e impactos da IA no cotidiano educacional, considerando o cenário contemporâneo descrito por Bauman (2008) como ‘modernidade líquida’ articulado com os princípios da pedagogia crítica de Freire (1987) e da formação docente como desenvolvimento *continuum* em Nóvoa (2022). A pesquisa, de abordagem qualitativa e fundamentada na metodologia da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015), concebe a experiência como fonte de conhecimento (Dewey, 1976). As narrativas revelam tensões produtivas entre a pressão para formação para o mundo do trabalho instável e tecnologicado e o compromisso ético com a formação humana, crítica e emancipatória. Os professores, ao compartilharem suas vivências com a IA, expressam sentimentos de ambivalência, medo, curiosidade e culpa e identificam a necessidade de formação continuada. As narrativas indicam que a IA pode ser uma ferramenta pedagógica potente quando mediada com intencionalidade educativa, leitura crítica do mundo e compromisso ético. Destaca-se ainda a importância de políticas institucionais que garantam tempo, estrutura e formação docente adequada. Conclui-se que a IA não substitui o professor, mas exige uma ressignificação do seu trabalho como mediador de conhecimentos e formador de sujeitos autônomos. O estudo reforça que a transformação educativa passa pela valorização do trabalho docente e pela construção de práticas reflexivas que integrem tecnologias de forma crítica e humanizadora.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Trabalho docente. Narrativas. Formação profissional. Educação.

Abstract: *his article explores generative Artificial Intelligence (AI) in teaching practice through the narratives of four vocational education teachers, gathered during virtual discussion circles. The aim was to reflect on the challenges, possibilities, and impacts of AI in daily educational life, considering the contemporary scenario described by Bauman (2008) as 'liquid modernity,' articulated with Freire's (1987) principles of critical pedagogy and Nóvoa's (2022) concept of continuous teacher development. The qualitative research, based on narrative inquiry methodology (Clandinin and Connelly, 2015), conceives experience as a source of knowledge (Dewey, 1976). The narratives reveal productive tensions between the pressure for training for an unstable and technologized job market and the ethical commitment to critical, emancipatory human development. When sharing their experiences with AI, teachers express feelings of ambivalence, fear, curiosity, and guilt, and identify the need for continuous training. The narratives indicate that AI can be a powerful pedagogical tool when mediated with educational intentionality, a critical reading of the world, and an ethical commitment. The importance of institutional policies that ensure adequate time, structure, and teacher training is also highlighted. The study concludes that AI does not replace the teacher but demands a redefinition of their role as a mediator of knowledge and a developer of autonomous individuals, reinforcing that educational transformation involves valuing teaching work and building reflective practices that integrate technologies critically and humanely.*

Keywords: *Artificial Intelligence. Teaching practice. Narratives. Professional training. Education.*

INTRODUÇÃO

A questão da pesquisa aqui abordada surge a partir de uma roda de conversa online entre quatro profissionais da educação, quando informalmente dialogavam sobre a utilização dos recursos da Inteligência Artificial (IA) generativa nas atividades docentes. Esse grupo se apresenta como autores do presente artigo, o que justifica a escolha por seguirmos a escrita na primeira pessoa do plural. Nesse processo dialógico compartilhamos nossas experiências, inquietações, dúvidas, inseguranças e curiosidades sobre o tema, que está cada vez mais presente no cotidiano do fazer docente, ao possibilitar a criação de textos acadêmicos, pesquisa, imagens, entre outros, a partir de apreensões de dados disponíveis na internet.

Na roda de conversa vivenciada pelo grupo, constituem-se narrativas que compreendemos como construção subjetiva elaborada a partir das experiências que são ressignificadas em processos relacionais e *continuum* durante o narrar, gerando conhecimentos e formação. A investigação foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa que permeou

a elaboração e a análise dos dados, com a pesquisa narrativa fundamentada em Clandinin e Connelly (2015), em que os pesquisadores também são participantes do estudo na elaboração e análise das narrativas e estão em processo de formação.

1. CONTEXTO DA PESQUISA

Compreendemos o sentido da pesquisa quando esta surge a partir de uma questão que nos desafia e é desconhecida no campo científico. Assim, nos mobilizamos para debater e refletir sobre os impactos e desafios do uso das IAs no fazer docente, por meio de narrativas vivenciadas na roda de conversa. Faremos a abordagem da IA na educação na relação com a formação profissional e o mundo do trabalho na contemporaneidade, marcada pela mercantilização, consumismo, imediatismo, desumanização, relações e organizações sociais fragilizadas.

Essas reflexões são pautadas no que Bauman (2007, p. 47) define como ‘modernidade líquida’: “Escolhi chamar de modernidade líquida a crescente convicção de que a mudança é a única coisa permanente e a incerteza, a única certeza”. Entendemos, então, com Bauman, que as mudanças acontecem muito rapidamente, com fácil acesso às informações e sem tempo para reflexões.

Assim, abordaremos a pesquisa neste contexto, não por defendê-lo e sim, por entendê-lo como realidade atual na qual queremos pensar a educação. Estamos na pesquisa como protagonistas e defensores de uma educação de qualidade, inclusiva, atualizada científica e tecnologicamente, comprometida e responsável com o desenvolvimento social, ambiental e econômico, na perspectiva de formação humana e emancipadora.

1.1 Organizadores e caminhos da pesquisa

Para conhecer a partir de aspectos que são subjetivos e que movem as ações dos professores e a nós mesmos, optamos pela pesquisa narrativa, que estuda a experiência a partir do processo de narrar. Experiência conceituada a partir de Dewey (1976), que se caracteriza pela interação contínua do pensamento com seu ambiente pessoal, social, com objetos e

acontecimentos do mundo, que geram conhecimentos e transformações. Assim, as narrativas trazem um movimento *continuum* de ressignificações de experiências relacionadas à IA generativa na educação, elaboradas a partir da compreensão e inquietações de professores.

Para Clandinin e Connelly (2015), a investigação narrativa começa com a ontologia da experiência no processo de narrar para conhecer e compreender o objeto de pesquisa a partir de uma construção e análise que envolve dimensões pessoais, sociais, dos lugares e da temporalidade onde os acontecimentos acontecem. É nessa tridimensionalidade que construímos e analisamos nossas narrativas sobre a IA generativa na educação profissional e tecemos nossas considerações no contexto educacional em que atuamos.

A pesquisa surge no momento de uma primeira roda de conversa online, utilizando a ferramenta *Google Meet*, para planejarmos um artigo sobre inteligência artificial. Nesse momento, cada um dos participantes trouxe suas experiências, inquietações e reflexões sobre o tema e, nesse processo de escuta, diálogos e narrativas, compartilhamos e construímos conhecimentos. Percebemos então que a roda de conversa proposta para planejarmos a elaboração de um artigo sobre IA resultou, ainda, em um momento de formação e elaboração do projeto de pesquisa sobre o tema da IA a partir de grupo específico de professores da Formação Profissional, como também em uma segunda roda de conversa gravada e transcrita como parte da pesquisa para abordar o tema deste artigo. Desse modo, organizamos nossas reflexões, pautadas nas abordagens conceituais da IA na educação e sua interação com nosso fazer docente.

1.2 Abordagens conceituais da Inteligência Artificial na Educação

A Inteligência Artificial (IA) está integrada ao nosso cotidiano e suas origens remontam ao período pós-Segunda Guerra Mundial. Os primeiros estudos sobre IA foram desenvolvidos por Alan Mathison Turing numa tentativa de decifrar os códigos das máquinas e os enigmas utilizados pelos nazistas, porém o primeiro trabalho publicado e reconhecido como IA foi de Warren McCulloch e Walter Pitts em 1943. A partir dos estudos do neurocientista Miguel Nicolelis (2023), que compreende

a IA não como uma inteligência, e sim, uma estratégia de marketing de exploração do trabalho humano, Gonchorovski e Cassol (2025, p. 3558) observam que:

A IA não efetuou um sequestro; ao contrário, é a própria espécie humana que estão restringindo sua evolução, ou seja, por trás de cada tecnologia existem interesses políticos, sociais e econômicos controlados por um grupo e movidos por interesses que nem sempre são claros ou compreendidos em um primeiro momento e somente quando nos aprofundarmos mais no conhecimento das informações que chegam até nós é que poderemos descobrir qual o verdadeiro objetivo da tecnologia que é oferecida para a população. Por isso, precisamos estar abertos às novidades sem sermos dogmáticos a ponto de dizer que tudo o que está na mídia é verdade e que funciona exatamente como propagandeado.

Nessa perspectiva, os autores nos levam a inferir que é importante considerar que o acelerado e intensificado avanço da inteligência artificial tem relação com o perfil da sociedade contemporânea, conceituada por Bauman (2008) como sociedade ou modernidade líquida, caracterizada por ações imediatistas, consumistas e utilitaristas da contemporaneidade, com um excesso de informações e muitas atividades que desfavorecem as relações humanas, laços afetivos e reflexões coletivas, com o foco no quantitativo de produtividade, múltiplas competências e atividades individualistas e competitivas.

Vale destacar que esse cenário exige um constante aprimoramento e observa-se uma mudança significativa na demanda por determinadas profissões, com ênfase crescente em competências mais complexas, criativas, autônomas e tecnológicas. A modernidade líquida impõe uma demanda de flexibilidade e desafia os sujeitos a desenvolverem capacidades de trabalho com criação de soluções inovadoras, ao mesmo tempo que os sobrecarrega, direcionando o tempo nas constantes atividades do cotidiano, se configurando como um paradoxo do nosso tempo.

Nesse contexto, a educação formal precisa, também, ser ressignificada, no alerta de Nóvoa (2022), ao apontar a necessária metamorfose da educação. Observa-se que o sistema educacional ainda mantém os traços desde a sua constituição na organização dos edifícios, na organização da sala de aulas com carteiras enfileiradas viradas para um quadro com o professor posicionado em frente aos alunos. O que leva à permanência

dessa estrutura organizacional de educação escolar? Entendemos pertinente essa reflexão para o debate da utilização da IA na educação.

Ainda nessa reflexão, Nóvoa (2022) integra o pensamento de Bauman (2008), ao refletir que a educação passa por uma crise conceitual e estrutural em um contexto no qual as tarefas repetitivas vêm sendo progressivamente automatizadas na fluidez da modernidade líquida. Então, os conhecimentos profissionais precisam constantemente de novas significações e atualizações. Não existe mais qualquer vínculo duradouro, independentemente da natureza do conhecimento profissional e, se não atualizado, torna-se obsoleto, o que nos leva a inferir que o fazer docente não pode se furtar dessa discussão.

A partir dos dados do relatório do *Institute for the Future* de 2018, que apontam que cerca de 85% das vagas de empregos de 2030 ainda não foram inventadas, ou seja, esta profissão ainda não existe, Nóvoa (2022) faz uma reflexão sobre a IA na relação trabalho e educação e vagas de emprego. Além das desconhecidas vagas de trabalho para a próxima década, também, a modernidade líquida, conforme descrita por Bauman (2008), impacta diretamente as relações de trabalho e a disponibilidade de vagas, marcadas por crescente instabilidade e insegurança.

Esse processo, iniciado ainda na Revolução Industrial, gerou profundas transformações no mundo do trabalho, substituindo gradativamente a força humana por máquinas e automatizando tarefas até então realizadas por pessoas. Atualmente, com o avanço da inteligência artificial, esse movimento se intensifica, fazendo com que muitas funções anteriormente desempenhadas manualmente sejam assumidas por tecnologias, acentuando ainda mais a volatilidade das relações laborais na contemporaneidade (Nóvoa, 2022). A educação é parte deste processo, inserida na sociedade atual, formando pessoas para a vida individual e social e para o mundo do trabalho para esta sociedade contemporânea. Trazemos aqui essas reflexões para pensarmos a inteligência artificial na educação na atualidade.

A ascensão da Inteligência Artificial (IA) no campo educacional, especialmente nos países desenvolvidos, e um pouco menos nos países em desenvolvimento, tem transformado profundamente as práticas pedagógicas e exigido novas abordagens de ensino e aprendizagem. Conforme relatório do Departamento de Educação dos Estados Uni-

dos (2023), a integração da IA na educação oferece oportunidades para personalizar o ensino, apoiar a diversidade de estilos de aprendizagem e ampliar a eficácia dos processos educativos. No entanto, também impõe desafios éticos, de privacidade e de equidade que exigem políticas específicas para seu uso responsável.

A pesquisa de Rufai, Khan e Hasan (2024) aprofunda a análise pedagógica da IA, enfatizando a importância de métodos de ensino que integrem teoria e prática, incentivem a aprendizagem autodirigida e conectem os conteúdos a problemas reais. Seu estudo qualitativo, utilizando a *Grounded Theory*, identificou que os métodos mais eficazes em cursos de IA são aqueles que equilibram conceitos teóricos com aplicações práticas, promovendo um ensino mais dinâmico e adaptado às necessidades dos estudantes.

Em paralelo, Araújo, Fernandes e Vilas Boas (2024) ressaltam, por meio de uma revisão sistemática da literatura, que a incorporação da IA no trabalho docente no Brasil exige uma reflexão crítica fundamentada na Teoria Crítica da Tecnologia de Andrew Feenberg (2013), contrariando as abordagens positivistas e deterministas, as quais se apegam a princípios como eficiência e eficácia. Feenberg (2013) propõe uma submersão que abarca a necessidade de se pensar a priori os aspectos sociais, econômicos e ambientais que selecionam alguns produtos em desfavor de outros.

Nessa premissa, Araújo, Fernandes e Vilas Boas (2024) destacam que, para além da inovação pedagógica, é essencial considerar as implicações éticas e preservar a autonomia docente diante da crescente automação educativa. Corroborando com esse pensamento, Mattalo (2024) também defende uma abordagem otimista quanto ao uso da IA no ensino. Para o autor, as tecnologias generativas de IA, longe de representarem apenas ameaças à integridade acadêmica, podem aprimorar a eficiência e a eficácia pedagógica, desde que utilizadas estrategicamente para desenvolver conteúdos, personalizar atividades e otimizar o tempo docente.

A esse respeito, Balta (2025) propôs o *framework Artificial Intelligence Pedagogical Content Knowledge* (AIPACK), uma adaptação do modelo TPACK, que combina conhecimentos de conteúdo, pedagógicos e de IA. O AIPACK enfatiza que a integração da IA no ensino deve ser feita de forma crítica e flexível, adaptando-se aos avanços tecnológicos, respeitando os objetivos pedagógicos e promovendo experiências de aprendizagem personalizadas e significativas.

Assim, a literatura recente converge para a ideia de que a IA na educação deve ser implementada a partir de uma perspectiva ética, crítica e orientada para a melhoria das práticas de ensino. As abordagens contemporâneas recomendam que os educadores desenvolvam competências para avaliar, adaptar e aplicar ferramentas de IA em consonância com os princípios pedagógicos e os objetivos educacionais. Essas ideias pautaram nossas discussões nas rodas de conversas realizadas.

2. NARRATIVAS FORMATIVAS: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA NO TRABALHO DOCENTE

Na tessitura deste artigo, os recursos das tecnologias da informação foram nossos aliados, pois possibilitaram que, mesmo distantes fisicamente em mais de dois mil quilômetros, pudéssemos realizar dois momentos de roda de conversa com a proposta de construirmos dados de pesquisa sobre IA na educação. Os dois encontros gravados e transcritos aconteceram utilizando a ferramenta *Google Meet*, em que quatro autores do grupo compartilharam experiências, inquietações e conhecimentos sobre IA na educação, escutando e construindo narrativas num *continuum* de significações e ressignificações das experiências, gerando conhecimentos e autoformação.

A opção pela roda de conversa como instrumento metodológico deste trabalho se deu pela possibilidade de, por meio da ressonância coletiva, a criação de espaços de diálogos onde pudéssemos nos expressar, escutar os outros e a nós mesmos, problematizando o uso da IA em nosso cotidiano enquanto educadores e suas implicações na qualidade da educação que oferecemos aos nossos alunos, considerando que entendemos a educação enquanto espaço de vivências críticas com perspectivas na emancipação dos sujeitos participantes.

As narrativas produzidas na roda de conversa foram interpretadas por todos os participantes, à luz dos estudos teóricos, dando-lhes significados e sentidos, na intenção de organizá-las enquanto constructo teórico e metodológico.

Revisitando as narrativas que produzimos, observamos contextos que as aproximam dos princípios teóricos pautados em Paulo Freire

(1987) e António Nóvoa (2022), imbricados na perspectiva de emancipação e inclusão, da formação docente e na metamorfose da educação.

Desse modo, construímos as narrativas em relações coletivas de escutas e ressignificações, convergindo nos sentidos que produzimos quanto ao uso da IA, apresentando nossas aproximações, tensões e desafios que as permeiam, constituindo-se assim como narrativas formativas, definidas em Clandinin e Connelly (2015) como uma forma de pensar sobre a experiência.

2.1 Aproximações, tensões e desafios

Nas primeiras narrativas da roda de conversa, os participantes contam como se deram seus primeiros contatos com a IA. A aproximação com IA na educação traz uma narrativa de sentimentos ambíguos, marcados por surpresa, medo, curiosidade e culpa. Essas reações refletem um processo de transição e adaptação a uma tecnologia significativamente disruptiva no contexto educacional e muitas dúvidas e questionamentos quanto às vantagens e desvantagens para a formação dos nossos alunos.

A descoberta e mediação social para o uso da IA acontece através dos próprios alunos ou pelos colegas de trabalho e não por meio de formação formal ou iniciativa institucional. “Eu conheci através dos alunos, eles que me falaram que existia, eu não sabia, foram eles que me disseram que existia o ChatGPT. Assim como eu conheci o Canva e o Gemini” (Cinara). A narrativa da professora mostra uma inversão do fluxo tradicional de conhecimento, em que os estudantes se tornam mediadores do uso de novas tecnologias, como também, a pedagogia do diálogo, do ensinar e aprender pautados em Paulo Freire (1987).

O protagonismo dos alunos nesse processo também evidencia o dinamismo com que as novas gerações acessam e exploram inovações tecnológicas, enquanto muitos docentes, inicialmente, ficam à margem. Uma inversão ligada à fluidez do conhecimento e das relações sociais da modernidade líquida (Bauman, 2008), que pode causar desconfortos e tensões da desconstrução da figura do professor como detentor de saberes (Nóvoa, 2022), pois, na atualidade, os alunos em cursos de formação profissional, técnico ou superior, têm acesso às tecnologias como o celular que possibilitam o uso da IA.

“Na parte do ensino superior, os alunos podem ser pobres ou ricos, seja quem for, ele usa o ChatGPT. Eles usam no celular deles. Todos têm celular. E eu perguntei outro dia: quem nunca utilizou inteligência artificial? Ninguém levantou a mão. Todo mundo já utilizou” (Cinara). Essa fala ilustra um cenário em que os alunos já dominam o uso básico da IA, invertendo parcialmente a hierarquia tradicional do saber: os estudantes ensinam os professores, especialmente sobre práticas digitais emergentes. A IA aparece como um instrumento cotidiano, porém, ainda precisamos avaliar numa perspectiva de inclusão o acesso ao uso para os diferentes grupos e classes sociais, e a leitura crítica e ética do uso.

Quanto ao comprometimento dos professores com a formação dos alunos, narram experiências marcadas por reações emocionais que mostram um choque inicial diante das possibilidades da IA e da culpabilização subjetiva: “Eu converso também com outros professores e percebo que eles ainda têm vergonha e ficam sem graça de dizer que usam IA. Eu, aos poucos, estou me desprendendo, porque eu também me sentia mal, me sentia culpada por pegar pronto” (Grasiela).

Essa resistência, como parte da transição para a adoção de tecnologias como a IA, mostra que precisamos pautar nos nossos momentos de estudos, avaliando as possibilidades e limitações, benefícios, demandas e perigos, com um movimento de resignificação da compreensão da IA como ferramenta de apoio pedagógico e material de estudo para os alunos e professores, com uma abertura que pode levar à integração mais crítica e construtiva da tecnologia na prática docente. A culpa por ‘pegar pronto’ apontada pela professora revela o receio da perda do status do fazer docente, e a necessidade de resignificar o papel do professor, como defende Nóvoa: o professor como intelectual da educação, que pode inclusive utilizar a IA de forma favorável em relação à gestão do tempo e para tarefas burocráticas.

2.2 Educação emancipatória e inclusiva

A experiência dialógica da roda de conversa virtual nos proporcionou elaborar ou até mesmo reelaborar significados e sentidos, individuais e coletivos, em relação ao papel da educação na sociedade da ‘modernidade líquida’; considerando o protagonismo dos estudantes e o impacto da educação profissional que estão vivenciando.

No contexto da formação profissional que envolve a formação humana e para o trabalho com conhecimentos relacionados à área de formação e às demandas do mundo do trabalho que se modifica constantemente, a IA é uma demanda na formação profissional. Pode ser ela uma ameaça ou oportunidade, a depender do acesso, da formação e uso que dela serão feitos. Assim, observamos nas narrativas os princípios freirianos de uma educação crítica, libertadora, dialógica e emancipadora, centrada na pergunta fundamental: Educação para quem e para quê?

“Eu fico pensando, independente de nós utilizarmos ou não a inteligência artificial, precisamos considerar o perfil de sociedade que temos e que sociedade queremos. Nós precisamos compreender e planejar o uso da IA a partir de que formação queremos para nossos alunos” (Maria). Nesse contexto, refletimos sobre a abordagem da IA na educação que possibilite a inclusão do acesso aos conhecimentos para utilização deste recurso com autonomia e criticidade, objetivando a emancipação dos alunos.

Na atualidade, são muitas as ‘informações’ disponíveis na internet em sites de buscas e redes sociais, porém, nem tudo é informação, um contexto diferente para a ‘leitura de mundo’ dos ensinamentos freirianos que organizam nosso trabalho pedagógico, assim, a IA é parte constitutiva da nova realidade social e do mundo do trabalho, que os alunos precisam aprender a ‘ler’ criticamente. “Independentemente de o professor utilizar ou não, o aluno vai utilizar. E os alunos precisam aprender a lidar com essa atualização para sua atuação no mundo do trabalho” (Maria). Traz a importância de o professor mediar esse processo com uma leitura crítica, com uma orientação para esta ‘leitura de mundo’.

Nesse contexto, a leitura de mundo a partir da palavra ‘tijolo’ em Freire agora pode ser abordada a partir da leitura crítica da IA e saber o que e como utilizar na compreensão que as informações selecionadas e as abordagens dos textos elaborados pela inteligência artificial respondem às ideologias do perfil de sociedade, que se estrutura no que Bauman (2008) denomina de ‘modernidade líquida’, mercantilista, excludente e individualista.

As narrativas demonstram que os professores não assumem um papel passivo diante das mudanças. Pelo contrário, há um forte compromisso com a reflexão pedagógica e com a responsabilidade ética da formação. Mostram os desafios estruturais e sociais que limitam a real eficácia da IA na educação, como também, as formas de inclusão social,

na democratização do acesso ao conhecimento socialmente presente no mundo do trabalho e dos estudos.

O uso da IA no contexto das transformações aceleradas típicas da modernidade líquida surge nas narrativas como sintoma e catalisador da instabilidade, da obsolescência rápida e da transformação constante do mundo do trabalho e das relações humanas.

“São históricas as transformações que estamos vendo, uma preocupação que eu não acho que seja nova. Só que está se desenvolvendo mais rápido agora, mas acho que é a mesma preocupação que a gente tinha quando saiu da Balsa e foi para o Google, e hoje do Google para o Chat GPT e outros” (Milton). Sua narrativa não rejeita a fluidez da sociedade contemporânea, mas procura nela pontos de ancoragem pedagógica. Em vez de tentar fixar a realidade, propõem formar sujeitos que saibam navegar por ela com discernimento, ética e propósito. Revelam um olhar reflexivo e multifacetado sobre a utilização da IA na formação profissional dos alunos, inserida no contexto dinâmico e incerto da modernidade líquida conceituada por Bauman (2008).

Nesse sentido, Milton ainda observa: “Esse aluno vai para o mercado e o mercado tem uma média que não é o tempo de produção socialmente aceito. Então, o tempo para se fazer uma planilha hoje não é mais o tempo de fazer com régua e esquadro, nem do Excel, agora já é com o tempo da IA”. O tempo nos diferentes momentos históricos se apresenta com significações diferentes. Não que a educação se limite a preparar para o mercado, porém, precisamos estar cientes de suas demandas. Uma formação profissional para a complexidade do viver e do trabalhar em tempos líquidos, com a inteligência artificial como uma ferramenta, não neutra e transformável pedagogicamente para os objetivos da educação emancipadora e inclusiva. “Se a gente não trabalhar isso na sala de aula, estaremos deixando o aluno para trás nessa fila” (Milton).

Nessa linha reflexiva de formação emancipadora, nossas narrativas nos remetem aos princípios freirianos no uso da IA: leitura do mundo, ensinar os alunos a ‘ler’ criticamente este recurso como parte constitutiva da realidade e que tem uma ideologia presente; a autonomia e liberdade mediadas pela ética, reflexão e pelo engajamento político e não como substituição de pensamento; e educação problematizadora, abordando com os alunos o uso das IA com uma leitura crítica.

2.3 Formação e trabalho docente

Pensar a educação é pensá-la a partir da formação docente e das estruturas de trabalho. As narrativas revelam uma preocupação recorrente sobre a necessidade de formação continuada dos professores e a organização adequada do trabalho docente ante os desafios da educação na contemporaneidade e a inteligência artificial.

“Pensando a Inteligência Artificial na educação, precisamos pautar a formação de professores e também o tempo de hora atividade para os momentos de interação, diálogos, trocas de experiências, aprender uns com os outros” (Maria). Quando Nóvoa (2022) fala da necessidade de uma metamorfose da escola, coloca como centro o trabalho docente, valorizando as dimensões profissionais e a formação que se completa no coletivo com os outros professores no ambiente de trabalho. Nóvoa (2022, p. 68) afirma que:

No meio de muitas dúvidas e hesitações, há uma certeza que nos orienta: a metamorfose da escola acontece sempre que os professores se juntam em coletivo para pensarem o trabalho, para construírem práticas pedagógicas diferentes, para responderem aos desafios colocados pelo fim do modelo escolar. A formação continuada não deve dispensar nenhum contributo que venha de fora, sobretudo o apoio dos universitários e dos grupos de pesquisa, mas é no lugar da escola que ela se define, se enriquece e, assim, pode cumprir o seu papel no desenvolvimento profissional dos professores.

Sendo assim, não é possível pensar a IA na educação sem pautar a necessidade de momentos de formação que envolvem momentos de diálogos, trocas e ressignificações de experiências, escutas, reflexões quanto às formas de abordagens, possibilidades e perigos do uso da IA generativa com os alunos, como também, a formação técnica para a utilização. Uma formação construída com os professores, coletiva, reflexiva e crítica, permitindo que os professores resistam à simples adaptação tecnológica e proponham novas formas de ensinar e aprender com a IA generativa.

As narrativas também revelam que a formação para o uso adequado da IA na educação precisa estar integrada à organização do trabalho docente que envolve planejamento institucional, espaços e momen-

tos estruturados para estudo e formação com apoio técnico e pedagógico, reconhecimento do tempo de estudo como parte da carga horária, e não como tempo ‘extra’ ou ‘improvisado’, com valorização de carga horária além das atividades diretas com os alunos e valorização profissional. Outro aspecto a observar é que a utilização da IA na educação não pode ser uma exigência imposta por instâncias superiores; a estas cabe possibilitar sua implementação de forma segura e responsável.

Nessa perspectiva, as pautas de reivindicações por melhorias para a educação que perpassam o trabalho docente são apresentadas também como mudança no contexto da modernidade líquida e da IA. “E as mudanças de nossas pautas inclui a nossa formação. Cada vez mais nós precisamos de tempo necessário para a formação” (Maria). Reconhece que o trabalho do professor também está incluído nessa transformação, impulsionado pelas novas tecnologias e IAs, pelas mudanças sociais e pelas exigências do mundo do trabalho. Nesse cenário, a IA não pode ser tratada como uma simples ferramenta, mas como um elemento que redefine o fazer pedagógico.

As narrativas nos mostram que a inteligência artificial só será bem utilizada na educação se houver investimento real na formação dos professores. Isso exige: tempo institucionalizado para estudo e reflexão (hora-atividade valorizada); formação continuada crítica e contextualizada, e não apenas técnica; organização do trabalho docente que respeite a complexidade do ofício; espaços de diálogo e troca entre os pares, que fortaleçam a construção coletiva do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interpretações das narrativas produzidas nas rodas de conversa revelam uma tensão produtiva entre a urgência de preparar os estudantes para um cenário instável e altamente tecnológico, conforme nos alerta Bauman, e o desejo de formar sujeitos autônomos, reflexivos e comprometidos com a transformação social, como propõe Freire (1979).

A percepção da convergência entre as vivências na ‘modernidade líquida’ e a necessidade de que a educação possibilite a leitura crítica do mundo, numa mediação capaz de favorecer a emancipação dos sujeitos,

passa pelo uso crítico e consciente da inteligência artificial, que configura o desafio do trabalho docente na atualidade.

Se por um lado o uso da IA representa as exigências e desafios impostos por uma ‘sociedade líquida’, veloz e em constante transformação, por outro a formação profissional deve ser voltada à adaptação e à atuação crítica no mundo do trabalho.

A formação de professores, tanto inicial quanto continuada, precisa, cada vez mais, estar pautada na construção da profissionalidade docente, com ênfase na autonomia docente, entendida com Nóvoa (2022), não apenas a título individual, mas no contexto de um exercício coletivo da docência. Além disso, é essencial promover reflexões éticas sobre autoria, mediação e aprendizagem, reconhecendo a inteligência artificial como um elemento que cada vez mais está presente no mundo do trabalho.

À luz dessas reflexões, o uso da IA na educação profissional reforça o papel do professor, ao ajudar o estudante a transformar a informação em conhecimento, reconhecendo que a aprendizagem não se resume à quantidade de informações assimiladas, mas compreender bem aquilo que se sabe, desenvolvendo nos alunos a capacidade de estudar, pesquisar, investigar, selecionar e comunicar. Nessa dinâmica reside o princípio da educação, que se dá sempre num contexto de relações humanas.

O cenário que se revela, tendo os autores como participantes ativos desse processo investigativo por meio da elaboração e interpretação das narrativas produzidas, fornece dados para a pesquisa, e produz saberes e reflexões que constituem elementos da formação docente, vivenciada, como enfatiza Nóvoa (2022), num processo contínuo, culminando numa prática docente mais crítica, consciente e comprometida com os desafios contemporâneos da educação.

Por fim, a ‘metamorfose da escola’ proposta por Nóvoa (2022), com diversidades de espaços, práticas de cooperação e de trabalho comum, permeada pela correlação entre estudo, pesquisa e conhecimento, pode ser alcançada com o uso das tecnologias digitais, entre elas, a IA como uma ferramenta facilitadora da transformação. Reconhecemos o potencial do uso da IA no contexto da educação profissional, mas é preciso denunciar que a estrutura da educação precisa mudar, para que o professor tenha tempo adequado, estrutura material e tecnológica, bem como

políticas institucionais que sustentem a apropriação crítica e pedagógica das tecnologias digitais atuais, sobretudo da IA.

O desafio que se apresenta é oportunizar o conhecimento como mecanismo de leitura crítica do mundo, em espaços reflexivos e dialógicos que favoreçam a construção de sentidos. É fundamental formar estudantes para o uso ético e autônomo da tecnologia, enfrentando as mudanças constantes sem abrir mão da dimensão humana da educação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cláudia Helena dos Santos; FERNANDES, Jhonatans da Silva; VILAS BOAS, César Augusto Viegas. Inteligência Artificial e sua relação com o trabalho docente no Brasil. *Revista Acadêmica Online*, v. 10, n. 53, p. 1-17, 2024. DOI: [10.36238/2359-5787.2024.V10N53.283](https://doi.org/10.36238/2359-5787.2024.V10N53.283).

BALTA, Nuri. Artificial Intelligence Pedagogical Content Knowledge. *The European Educational Researcher*, v. 8, n. 1, p. 1-3, 2025. DOI: <https://doi.org/10.31757/euer.811>.

BAUMANN, Zygmunt. *A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Tradução José Gradei. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. 2. ed. rev. Trad. Grupo GPNEP - Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. Trad. Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

FEENBERG, Andrew. Teoria Crítica da Tecnologia: um panorama. In: NEDER, Ricardo T. (org.). *A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. 2. ed. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2013.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONCHOROVSKI, Gilson José; CASSOL Claudionei Vicente. Inteligência artificial e educação na modernidade líquida: entre encantos e riscos. *Revistas ARACÊ*, São José dos Pinhais, v. 7, n. 1, p. 3551-3571, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2997>. Acesso em: 26 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.56238/arev7n1-212>.

MATTALO, Brandon. Artificial Intelligence: The Future of Pedagogy. *Journal of Legal Studies Education*, v. 41, p. 49-71, 2024. DOI: [10.1111/jlse.12146](https://doi.org/10.1111/jlse.12146).

NÓVOA, António. *Escolas e Professores: proteger, transformar, valorizar*. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

RUFAl, Ashiru Ahmad; KHAN, Md Shahadat Hossain; HASAN, Mahbub. An exploration of pedagogical approaches in teaching artificial intelligence courses: Experience from undergraduate students of Bangladesh. *Social Sciences & Humanities Open*, v. 10, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ssaho.2024.101075>.

U.S. DEPARTMENT OF EDUCATION. *Artificial Intelligence and the Future of Teaching and Learning: Insights and Recommendations*. Washington, DC: Office of Educational Technology, 2023. Disponível em: <https://tech.ed.gov>. Acesso em: 26 abr. 2025.